

Desta vez, vou começar esta curta crónica por reproduzir um pequeno trecho da, verdadeira, história dos irmãos Grimm, "Cinderela".

Como todas as histórias esta também começa assim:

Era uma vez...

Após o baile, onde a Cinderela perdeu o seu sapatinho de cristal, o príncipe ordenou aos seus emissários que o sapato fosse experimentado em todas as jovens do reino, independentemente da sua condição social. Chegada a comitiva à casa da Cinderela as enteadas, na altura de calçar o sapatinho de cristal, não se limitaram a encolher os dedinhos, estavam dispostas a fazer TUDO, para casar com aquele homem:

"A mais velha entrou com o sapato no quarto para o provar, a mãe estava ao seu lado, mas não conseguia calçá-lo porque os seus dedos eram demasiado grandes e o sapato muito pequeno. Ao ver isto, a mãe disse-lhe, estendendo-lhe uma faca: corta os dedos, pois quando fores rainha nunca andarás a pé." E a jovem cortou os dedos..."

A segunda irmã, não teve sorte diferente, acabou por cortar um bocado de calcanhar...

No entanto, de nada lhes valeu...

Para algumas mulheres, conseguir "Ser rainha" parece justificar muitas renúncias e sacrifícios. Elas "mutilam" partes importantes das suas personalidades, prazeres e objectivos de vida, na tentativa de serem aceites e amadas por um homem.

Mulheres que se anulam e tentam, a todo custo, limar as arestas das diferenças, mutilando aspectos importantes delas próprias e criando a ilusão de que por amor, tudo pode e deve ser feito.

De certa forma, parece-me que é isto que acontece com muitas mulheres. Se no passado, esta anulação da mulher era necessária, e em muitas situações "obrigatória" em prol do marido, dos filhos, da família, hoje em dia, continua a acontecer.

Acredito que para que uma relação funcione, cresça e perdure, é necessário muito amor, compreensão e cedências de ambas as partes. Mas, mais do que renúncia, é uma caminhada e um crescimento feito à dois, onde o outro deve, acima das suas vontades e desejos, perceber e respeitar a identidade e a individualidade de quem está a seu lado.

Permita-me, ainda, dizer-lhe que sim, que no meu entender somos (co)responsáveis por aquilo que nos acontece e nessa medida, a forma como as suas relações se encaminham, é também da sua responsabilidade.

Precisa de perceber as razões que a levam a escolher aquelas pessoas e o porquê da sua atitude perante elas.

Quando conseguir perceber qual o papel que desempenha nessas histórias, qual a razão que a leva a moldar-se completamente ao outro, deixando de ser quem é, então, nessa altura, conseguirá relacionar-se com alguém, de uma forma menos destrutiva e mais saudável.